

ELOGIO HISTÓRICO DE ABREU E LIMA

Libertador dos Povos Americanos

Comandante da Esquadra Bolivariana e General dos Exércitos do
Brasil e da Grã-Colômbia

Patrono da Cadeira criada no Instituto de Geografia e História
Militar do Brasil pelo Comandante Cesar Feliciano Xavier,
seu membro fundador

Comt. CESAR FELICIANO XAVIER

Certamente já contemplaram todos o curso de um rio que majestoso desliza rumo ao mar, mas que, de repente, face a um obstáculo que se erga intransponível, desvia seu curso, indo até muita vez a correr em sentido contrário, retrogradando.

Será que êle vai continuar sempre a retrogradar? Não. Certo que não. Ocorrerá uma nova inflexão qualquer. Quicá, o que vai acontecer poderá ser inesperado para o observador desavisado. Todavia algo há de certo, de infalível! Por aqui ou por ali, êle afluê para uma linha de menor declive, para o mar, mar oceano as mais das vezes, mar interior em alguns casos, mas para o mar sempre, inda que em junção com outros rios, inda que por via aérea através do oceano aéreo, via brasileira por excelência.

São rios que mais benefícios prestam aqueles que embora alongando seu curso, amenisando-lhe o declive, correm pouco e à pouca velocidade, mas sem maiores embaraços adeantam-se sempre rumo à sua méta. Isolados ou a outros unidos suas águas correm eternamente para deante.

Outros há, porém, que não por sua culpa esbarram num obstáculo! Não podendo contorná-lo como já figuramos, que

acontecerá? Represam-se as águas, estagnam-se, aparentemente, por algum tempo na realidade... e depois?... Depois, ou insinuam-se por dentro da terra ou então crescem e avolumando-se afastam abruptamente o que é obstáculo à essa já agora incontida marcha! Ou, ainda, asoberbam, rugem, despedaçam... para enfim ultrapassarem o que se lhes antepõe! Vencedoras, correm taes águas em busca do seu destino: o mar e também o ar, êsses dois oceanos, em primeiro devassados por nós e nossos ancestrais. Primeiro aqueles muitas vezes cronologicamente e de um modo geral primeiros em grandiosidade dos feitos, aqueles da ocidental praia luzitana! Depois... nós próprios que em primeiro sulcamos o oceano aéreo e mantivemos tal prioridade em todos os estágios primordiais dessa nova navegação, a mais vasta conquista industrial do mundo e ao mundo doada pelo gênio brasileiro!

E as águas desta terra que chamamos firme, embora saibamo-la em movimento contínuo, encaminham-se para a maior porção da superfície dêste planeta que chamamos Terra, a qual é, porém, sua superfície aquosa! E para lá caminham mesmo que se tenham de encobrir aos raios do sol, mergulhando em o âmago da terra... deslizando subterraneamente— do que há exemplo em o nosso próprio Oeste — para finalmente emergir e continuar por sôbre a terra, rumo ao mar e ao ar!

Quais os mais uteis cursos d'água interiores? Uma resposta certa é difícil.

Aqueles que deslizam suavemente, como em geral os da nossa bacia amazônica, êles são os mais propícios à navegação. Mais lentos, conduzem por menos custo o que transportam aos lugares desejados. E, conforme o que transportam, talvez sejam também mais econômicos.

Por outro lado, os que descem abruptamente os vários socalcos do planalto central podem gerar fôrça que, convenientemente utilizada, irá tornar-se agente motor de um mais veloz transporte, correndo ao sabor do nosso capricho, consoante nossas conveniências... Mas, tanto aqui como lá,

sempre progresso, ora lento, suave, ora abrupto, velóz, inda que intermitente!...

Tais quais êsses cursos d'água são os cursos das idéias! Elas marcham independentes, e à despeito mesmo dos esforços compressores ou incitadores. Êsses esforços poderão lograr algum resultado aparente, mas, não será eficaz seu agir na marcha da evolução humana!

Os povos tendem a se libertar do jugo alienígena, desde que destarte sintam e considerem aqueles aos quais se acham sujeitos, ou aqueles com quem vivem em comum.

Todos os povos tendem a se constituir em nações livres! Nada, nada poderá mudar em definitivo tal evolução, como nada poderá tornar à infância uma pessoa que já atingiu à maturidade! E os que pretenderam ou pretendam solucionar o caso pelo emprêgo da fôrça, verão, sinão logo, quando muito mais tarde, mas verão sempre, a vitória da liberdade.

O mais difícil é precisar o que é essa liberdade, o que é a natural evolução?

Nossa história, como a história de todos os povos americanos, indica claramente aquelas verdades, sem medo de incidir nas confusões indicadas...

Compatriotas! Dizer América é dizer liberdade! O cântico comum de todos os nossos grandes poetas é fiel tradutor do sentimento geral e precisado na "Musa libérrima e audaz!". O ardor magnético de todos os nossos hinos, desde o *Nacional* até o da *Bandeira*, indica indisfarçavelmente que um brasileiro, digno de seus antepassados, sejam êles das tribus dos Ararigboias, da raça dos Zumbys ou da grei dos Luiz Barbalho!, um brasileiro que tal, pode ter todos os defeitos humanos, mas êle só será realmente brasileiro, si amar a liberdade acima de qualquer outra coisa!

Lá no esplendor ciclópico da Amazônia deslumbrante, Ajuricaba, cacique dos Maués deu o exemplo à todos os viris brasileiros! Guairacá no Sul respondeu-lhe!...

Sejamos selvagens, como selvagem é nossa natureza que as mais pujantes civilizações não podem siquer imitar!

Sejamos livres, como livres viviam nossos ascendentes incolas dêste hemisfério! Livres e audaciosos com profisciência como os nossos avoêngos lusíadas ao se librar aos mares para livrar das trevas da insciência novas terras e outras gentes... e à sua gente ir da lei da morte libertando!...

Busquemòs tudo, até a morte; mas não nos sujeitemos ao cativoiro!

E a Pátria era cativa! E cativas eram as outras pátrias do Continente!

Foi então a liberdade, o farol que iluminou a senda heróica dos mais patriotas brasileiros no século XIX! Eles então sintonisaram-se com os da França revolucionária de 89!, não a "douce France" mas a "France héroique".

Quais são, senhoras e senhores, quais são os Pais das Nações Americanas? São os Washington e os Jefferson, os Juarez, os Toussaint Louverture, os Bolivar e os Sucre, os Andradas e os João das Bottas! Lidadores radiosos da liberdade, dessa liberdade indispensável à ordem, não a liberdade de se fazer o que se quer, mas a liberdade a mais ampla de manifestar o que pensamos, mesmo porque nada há além da "convicção" livremente formada, que possa abafar um julgamento, um modo de ver... nem mesmo com os recursos próprios, inda que maiores sejam os esforços!

Sim! A verdade iniludível patenteia, serem os pró-homens das Américas, não só portuguesa e espanhola, como inglesa e francesa, próceres da liberdade da manifestação e propaganda de idéias, liberdade essa basilar à dignidade de homens livres em os tempos modernos.

PREDECESSORES HISTÓRICOS

Goulart de Andrade, que tanto mais apreciamos quanto mais o tempo nos separa da sua prosa magnífica, cheia de bondade e civismo, ou de floretadas satíricas e espaldeiradas contundentíssimas, Goulart que fôra marinheiro, êsse vibrante patriota, como os que mais fizeram, propugnou para que seus compatriícios civis, bem compreendessem o papel das fôrças armadas em as nações americanas.

Goulart de Andrade que soube ser poeta canóro e prosador incisivo, mas sem jactância, Goulart no seu discurso de posse da cadeira número 6 da Academia Brasileira de Letras, cadeira vacante de Silveira da Motta, o Almirante Barão da Frente; sim o Poeta de "Assumpção", com sua tristeza habitual de pensamento e beleza de forma, prosava: "Não me fora talvez difícil, no desempenho do compromisso que assumi, rotear à apreciação pelo caminho das idéias asentadas, já que hoje em matéria de crítica, não há senão ajustar o molde ou escolher a fórmula".

Contudo, tal não será nossa singradura, porque não iremos fazer crítica quando a natureza de trabalho recitado, em lapso de tempo relativamente curto, não permite abranger convenientemente a longa vida de um herói que foi libertador de pátrias e depois, político, não no sentido partidário, mas de estudioso das questões político-sociais, a vida de um intelectual que foi historiador infatigável e panfleatório entusiasta, ardoroso; cientista esforçado e literato de mérito!

Dessarte, vai-se aqui ouvir apenas o elogio de Abreu e Lima, soldado da liberdade e operário da história, vanguardeiro do pensamento moderno.

Compatriotas! Cedo, bem cedo madrugara o nosso Brasil na evolução cultural desta civilização que tão tardiamente chegaria às plagas tupis! Tarde, bem tarde todavia alguns brasileiros despertaram em si próprio o desejo de conhecer nossa história, antes de se lançar a repetir inverdades insultuosas até a nacionalidade!

Sim! Esta fulgia de há muito, inda que por poucos! como sóe sempre ocorrer...

No próprio século do descobrimento de Cabral, um velho mutilado, coberto das mais gloriosas cicatrises, é o primeiro historiador militar, o primeiro historiógrafo brasileiro. É Jorge de Albuquerque Coelho, que em Alcácer-Quivir, no mais duro de tão porfiada refréga, estoicamente apêa-se do seu cavalo para oferecê-lo à D. Sebastião, que teria desarte a única probabilidade de salvamento!... Mas, azar da sorte! Inda assim D. Sebastião perece e Jorge de Albuquer-

que Coelho sobrevive à desgraça, tal qual já se havia salvo de um célebre naufrágio relatado pelo nosso Bento Perreira Pinto. E, Albuquerque Coelho cai prisioneiro e vê perecer entre seus companheiros de cativo Duarte de Albuquerque, seu irmão que com êle acompanhára a flor da fidalguia portuguesa na infeliz jornada africana!...

E, Jorge de Albuquerque Coelho é um conterrâneo também desse General Abreu e Lima, um dos que primeiro compendiaram a nossa história. Mas, aquele foi o primeiro historiógrafo das guerras do Brasil durante os primórdios da colonização portuguesa, e assim, implícita, ainda que não ostensivamente, o patrono dêste Instituto.

Distintíssimo militar também fôra o irmão Jeronimo de Albuquerque, pai de seu homônimo vencedor dos franceses em Guaxenduba, Albuquerque Maranhão, êste, aposto ao nome como título.

E, recordemos que seu neto Dom Paulo de Moura depois de viuvo, frei Paulo de Santa Catarina, eleito custódio do Brasil, no capítulo de Lisbôa, seria o trisavô brasileiro do célebre Marquês de Pombal, o continuador — menos hábil e mais poderoso — em um dos muitos fâcies, da gigantesca obra do insigne brasileiro Alexandre de Gusmão, cuja estátua inda não se ergue entre nós talvez por falta de bronze bastante para glorificar êsse majestático construtor maior do Brasil Nação!

Mas, na guerra em que o teminimó Ararigboia, o celebrado Martim Affonso, caciqueando os canoieiros era o terror dos franceses em águas desta inegalável Guanabara, arco triunfal da América, na frase entusiasta de D'Amicis, nessa guerra em a qual cumearam os Corêa de Sá, que seriam no sul o que eram no norte os Albuquerque, nela emerge aquele filho de Martin, neto de Salvador de Sá, aquele famosíssimo Almirante dos Mares do Sul, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, General das Frotas do Brasil, vencedor de espanhoes, franceses e holandeses em todos os mares do sul do planeta, donde seu pomposo título só comparável aos de: Colombo, almirante do Mar Oceano e o de Vasco da Gama, almirante do Mar das Indias!

Desgraçadamente êsse mui illustre filho desta gleba privilegiada, o Rio de Janeiro, êsse Benavides que já Alfredo Dias de Molina, genealogista argentino pretende haver nascido em Cádiz, êle, segundo nosso grande historiador o Almirante Boiteux que nos honra, a nós deste Instituto, como seu sócio fundador, teve perdidias suas importantes memórias as quais consagrara seus derradeiros dias daqueles 93 anos por êle tão gloriosamente vividos!

Mas, já estamos no século XVII, e entre a primeira e segunda batalha dos Guararapes, êsse Almirante, o primeiro do Rio da Prata, reconquista aos marinheiros holandeses: Angola e São Thomé, em frota armada e equipada nesta já mui heróica e leal cidade do Rio de Janeiro!

E, àquela longinqua Angola passa a fazer corpo do Estado do Brasil! Vão dessarte a governá-la os João Fernandes Vieira, os André Vidal de Negreiros que inda lá pelejariam, contra os holandezes, e assim tais quais os Henrique Dias, Clara e Felipe Camarão!...

Como esquecer o mais novo irmão do Chrisostomo Português, que também é o nosso Vieira, Bernardo Vieira Rivasco, geógrafo, historiador e poeta de primeira linha no dizer de então, e que como Alferes e Capitão pelejou durante quatorse anos contra os neerlandezes, sendo depois secretário de estado e guerra do Brasil.

E, tal qual o Govêrno Português, nós só agora, depois de tanto tempo é que nos lembraremos de Mathias de Albuquerque, o chefe que a primeira derrota inflingiu aos germânicos em sua guerra contra os íberos: Montijo! que lhe deu o título de Conde do Alegrete! Todavia notemos que à êsse insigne fundador do lendário "Arraial do Bom Jesus" é à êle que melhor caberia o título concedido ao Marquês de Montalvão. Sim! De fato foi êsse Compatriota nosso o Capitão General de Mar e Terra, empresa a restauração do Brasil. Onde sua estátua? Fóra de sua Pátria!...

Contudo, será possível calar ante o sexo feminino, êsse que pelo acrisolado e esclarecido amor patriótico de Isabel de Castela, permitiu à Colombo o descobrimento d'América? Certo que não. As brasileiras descendem principalmente das

Ignes de Castro, e também das Catharina Alvares e das Maria de Castro Alves!

Ao heroísmo patriótico das espartiatas, Mãe de Pausanias à frente, à tão legendária façanha dessa Grécia heróica e imortal, podemos relembrar as nossas patrícias que repe- liram e por três vêzes derrotaram as aguerridas fôrças de Lichthardt, o intrépido Almirante bátavo!

Às tão justamente celebradas Joannas d'Arc e d'Ha- chette, heroínas da França rediviva! sim! sem mêdo de con- fronto indicaremos D. Maria Ursula, sepultada naquela Gôa de S. Francisco Xavier e Rosa Maria de Siqueira que em águas do Atlântico foi o que empós seria a marinheira An- nita Garibaldi, a heroína de dois mundos!

Se a Alemanha mística ostenta uma Rachel Esse, ou uma Maria Simon, nós já bem antes deramos o exemplo magní- fico da caridade e religião com uma Francisca de Sandi, uma Joana de Gusmão, a Mulher Santa!

E se à feição da mui celebrada Filha de Scipião, o Afri- cano, aquela Cornelia, Mãe dos Gracchos, nós temos uma Rosa da Fonseca, figura similar não conhecemos alhures, inda que contando por centenas o que aqui contamos por dezenas de anos, qual à d'uma Damiana da Cunha, a Mulher Apostolo que com seu amado espôso Manoel Pereira, perlus- trou os invios sertões brasileiros da América em missão aná- loga aquela que século depois seria trilhada por uma Deo- linda Daltro e frutificamente organizada pelos Rondons e seus devotados companheiros!

Minhas Senhoras e meus Senhores! Se Abelardo teve sua Heloisa, Victor Hugo teve sua Rosita Rosa, a brasileira, "que fait du reste de l'univers un exil" como inda há pouco lembrava-nos Gastão Penalva, brilhante pena, brilhante na forma, brilhante nas idéias! E se Paris naquele século dos salões entre méritos outros pôde orgulhar-se dum como o do da Madame La Marquize du Chatelet, onde pontificavam os Voltaire, lá mesmo nessa capital do mun- do intelectual, científico ou artístico, lá nessa grande cidade, grande dizemos, porque nela todos se sentem como se em suas pátrias estivessem, lá, alguns lustros

depois abrir-se-ia o modesto salão de uma Nysia Floresta Brasileira Augusta, para tê-lo enriquecido até com a presença de um Augusto Comte!!

E, por essa época, cá deste lado do Atlântico, no convento da Soledade, patricias suas viam cair o corpo da mãe Joanna Angélica, sublimemente opondo-se sem armas às baionetas inimigas da Pátria, enquanto ainda nessa guerra santa da independência, aí mesmo na Baía, D. Pedro I, por invulgar heroísmo, galardôaria Maria Quitéria com a alta insígnia de cavalheiro da mui nobre e imperial ordem do Cruzeiro. “Suas proesas não sou eu a contá-las, por mais que os lábios por contá-las arda”, diremos como bem o disse o Barão de Lorêto em versos a essa que nasceu Maria Medeiros. E, tal qual ela, nossa história para honra e glória do Brasil, muitas outras apresenta desde Clara Camarão, Maria de Souza, Maria Ortiz até Barbara Heliodora, Francisca Biriba e Maria Curupaity.

E a simples enumeração de alguns dos grandes vultos nacionais do sexo feminino e de outros poucos cultuados Filhos do Brasil, isso por si só basta para recordar a beleza e magnitude da nossa história, inda que curtíssima em tempo. Isso serve também para evidenciar que a nossa história não se pode insular no ocorrido em território nacional, como a guerra do Paraguay é exemplo ou no continente americano, como inda há pouco testemunhamos na guerra que nos impôs o Império Alemão, e nem mesmo circunscrever-se ao hemisfério ocidental, como o estudo das guerras do “Estado do Brasil” nô-lo patenteia.

É positivamente agradável, motivo de justificado orgulho dos veros brasileiros, verificar que não só por suas inúmeras e sangrentas lutas pela independência tornou-se este nosso Brasil credor da simpatia universal. As causas justas são causas que interessam à todos, senão diretamente pelo menos como exemplo.

Essas lutas, essas pugnas, santas se pela liberdade e dignidade dos povos, elas foram iniciadas na América pelos seus naturais Tupac Amaru e Ajuricaba e pelos nacionais do Novo Mundo indo-europeu, por Lopo de Aguirre na

América espanhola e Felipe dos Santos na portuguesa, neste Brasil!

Iniciada por tão heróico e desgraçadamente, quási esquecido patriota martir em 1720 a liberdade porteriormente sublimada seria pelo estoicismo religioso do Alferes Xavier, que se tornou chefe quando altivamente, face à fraquesa quase geral, chamou a si a inteira responsabilidade do movimento. Tiradentes tão orgulhoso para os poderosos opressores quanto humilde para com suas pobres vítimas, o seu próprio carrasco, Tiradentes, jamais o próto-martir da nossa independência, mas jamais também excedido em sublimidade, antes ou depois, Tiradentes gran-gearia de seus compatriotas cristãos o cognome muito honroso de "Christo das multidões".

É certamente grato a nós brasileiros vêr que não só por essas, como por várias outras, entre as quais a revolução de 1817 no Norte, triunfante por algum tempo em Pernambuco e redondasas, sim, vêr contribuir nossa pátria em pról dêsse fatal movimento de emancipação das pátrias americanas, isto é — para as mais belas páginas da história do Nóvo Mundo.

E, o que mais é! Fóra do Brasil, na fulgentíssima epopéa da independência da América espanhola, na obra ciclópica de Simon Bolivar, libertador de povos e criador de Estados soberanos, nessa soberba e fulgurantíssima epopéa, retomando o esforço do inolvidável Miranda, nela participa de forma heróica e eminente um brasileiro, já então martir da liberdade neste nosso Brasil!

Senhoras e Senhores! Tal é o militar que escolhemos para patrono da cadeira que creamos nesse Instituto; tal é o marinheiro improvisado e soldado de carreira, que sublime mandou as armas da liberdade através dos mais invios territórios, e perigosas paragens, aquém e além Amazonas, essa majestática e viva linha equatorial dos povos americanos.

Sócio fundador deste Instituto Militar Brasileiro de Geografia e História, cuja ata de fundação é datada de 7 de Novembro de 1936, sòmente um lustro quasi depois é que vimos fazer o elogio do nosso patrono, consoante o resolvido

em assembléia geral realizada ainda em Novembro 4 de 1940, modificando o estatuido anteriormente.

É que a 15 de Novembro de 1938, instalado definitivamente êste Instituto, que se passou a chamar Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, sob a presidência do então Vice-Almirante Raul Tavares estabeleceu-se como dever preliminar: "Ficarem os sócios na obrigação de escrever "Memória" a mais completa possível sôbre os respectivos patronos"...

Reconduzidos à sua Diretoria, à qual pertenciamos desde a sua fundação até a última, de logo apressamo-nos em satisfazer essa exigência porquanto deviamos por tudo isso ser ao menos nisso dos primeiros: no cumprimento de um dever.

O trabalho tinha que ser como indicado foi e aliás era natural, tinha que ser desenvolvido. Puseramo-nos logo em campo... E, inda que em nossa própria casa jogassemos com uma regular "Bolivariana", da "Biblioteca Agliberto Xavier", inda não haviamos terminado o trabalho, quando em hôa hora estabeleceu-se dever apresentar-se um pequeno escorço biográfico, o qual serviria de base ao estudo posterior, êste então alentado.

Assim planeamos fazer um "Elogio" do nosso Patrono e que é o que ora recitamos.

JOSÉ IGNACIO DE ABREU E LIMA

Permita-se-nos referir preliminarmente o motivo da es-côlha dêsse Patrono, há quasi século no ostracismo literário.

Três fases capitais distinguimos em nossa história: O Descobrimento — A Colonização — A Independência e conseqüentemente: O Estado Soberano.

Tendo já estudos sôbre a fase intermédia, atraiu-nos logo a primeira, a nós mais cara como marinheiros apaixonados que somos. Acontece porém, que na fase da Independência, fenômeno social americano, no longo desenrolar do qual a nossa Pátria, que primeiro na América pugnou pela inde-

pendência e foi a última a realizá-la completamente; sim, nessa fase o Brasil que plasmára o sentimento panamericano desde 1750, com a deslumbrante obra de Alexandre de Gusmão, o nosso Estadista Perfeito, o Brasil atuaria por alguns de seus ilustres Filhos fóra mesmo do âmbito nacional, inda que enorme já êle fôsse.

A mais radiosa epopéia das guerras de libertação, de independência, — que são as guerras desta América livre e campeã da liberdade e autonomia dos povos, — foi sem dúvida alguma a campanha Bolivariana.

Não é isso apenas um juízo pessoal. É do consenso geral, e inda assim cremos que certo. Uma Nação ostenta o nome do *El-Libertador* e não é a sua natal. No céu um planeta rebrilha nos espaços sidéreos o nome de Bolivar pelo desejo do seu descobridor europeu, o francês Camille Flammarion. Lord Byron, o ilustre campeão inglês da liberdade, escritor da mais fina sensibilidade artística, Byron deu o nome Bolivar a um de seus navios que operaram nas guerras da independência da Grécia, essa Grécia eterna como sua glória, mas inda assim mesmo conseguindo aumentá-la!!

Ora, nas guerras da independência das pátrias americanas nós vemos o papel decisivo da Marinha do Brasil, e o que mais, assegurando ela, mais que quaesquer outros elementos, a unidade da América portuguesa ao se independentizar! E isso foi natural, pois o Brasil era uma nação filha da mais marinheira nação dos séculos XVI à XVII: Portugal dos Bartholomeu Dias. E desde cedo a construção naval, a mais antiga das indústrias nacionais, atingia à um tão elevado gráu entre nós, que chegámos a possuir a 3.^a marinha do mundo!

E os brasileiros tão bons marinheiros eram, que se foram em missão naval bem fóra do continente, e nêste demos um Comandante para a esquadra bolivariana!

Tal é o nosso Patrono nêste Instituto!

Senhoras e Senhores! Em 1921, quando nos encontramos pela vez primeira nos Estados Unidos Norte Americanos, para servir na sua marinha de guerra, fomos em seguida embarcados no Encouraçado "Minas Gerais", já em grande remodelação nos estaleiros navais de Brooklyn. Tivemos então o honroso ensejo de mandar fração da fôrça dos nossos marinheiros nacionais, prestando continência à esse extraordinário Simon Bolivar, quando da inauguração da sua estatua equestre no magnífico Central Park, da gigantesca New York.

Dizemos gigantesca lembrando-nos mais do valor de seus Filhos alegremente trabalhando em meio de dois milhões de estrangeiros a divertirem-se, êsses que dão o facies new-yorkino perceptível aos apressados observadores da Broadway — os quaes as mais das vêzes nem mesmo conhecem a 5th. Avenue, muito menos a National Library ou um dos muitos auditórios de conferências — àquele facies mais do agrado dos inimigos da liberdade. Sim, dessa liberdade de que aquela célebre Estátua é simbolo marcante, bem como da fraternidade americana da qual se pode o Brasil orgulhar de haver compartilhado como dos mais ardorosos propugnadores, desde o Brasil Colônia quando um Brasileiro dirigia a politica externa de Portugal como sapador do célebre movimento enciclopédico do radioso século XVIII!...

Daquela inauguração, daquela formatura, conservaremos sempre a mais grata e forte lembrança! E, desta apoteose que teve cunho marcante de consagração continental, escreveu a brilhante pena do alto e fino espírito de Rufino Blanco Fombona, em "Nota", às "Cartas de Bolivar" de 1823 à 25 e naquele mesmo ano editadas em Madrid! O Alcaide de New York, em nome da cidade recebeu a estatua cujo véo descerraram dois jovens anglo-americanos em cujas veias corria o sangue de Páez, o mais épico tenente do Libertador, Pela 5.^a Avenida de New York, cujos edifícios ostentavam bandeiras e tapeçarias, desfilou a comitiva encabeçada pelo Presidente dos Estados Unidos, sr. Harding; cerravam o desfile os marinheiros de guerra do Brasil — do Encouraçado Minas Gerais — que foram em seguida dar guarda à estatua

do Libertador. Uma bateria do Exército dos Estados Unidos situada na colina Bolivar no Central Park, de quarto em quarto de hora, dava as salvas ordenadas.

Encontrar-se-á nessa consagração, a qual se achavam presentes tôdas as nações americanas por missões especiais e também a França pelo Presidente do Conselho de Ministros Viviani, aí encontrar-se-á o ponto de partida que nos levou ao mais amplo conhecimento de Bolivar e analogamente do nosso insigne compatriota Abreu e Lima também "Libertador de Povos". Esse Abreu e Lima que "habia visto nacer a Colombia en las Queceras del Medio, que fué de los pocos de Vargas, de Topaga y de los Molinos, que se batió em Cúcuta y estuvo con Paez en Achaguas y que en Oriente estuvo moribundo", tal compatriota nosso fôra capitão do exército no Brasil e iria comandar a esquadra dos Libertadores nas guerras da independência e nos exércitos da Grã-Colombia ascender sucessivamente daquelle posto ao de General, em gráu heróico e eminente, pôsto no qual volveu à Pátria, por cuja independência tornara-se martir!

Junto à biografia dêsse insigne Compatriota nosso, "del Procer brasileño Abreu y Lima, quien militó en Venezuela durante la guerra de Emancipación al lado del Libertador y del General Paez" — o Dr. Diego Carbonel, Plenipotenciário da Venezuela em nossa Pátria e seu Enviado Extraordinário quando de nosso centenário da independência, Carbonel autor dessa biografia e das preciosas notas à ela apenas, o atual Membro do Govêrno Venezuelano transcreve o "Resumen historico de la ultima Dictatura del Libertador Simon Bolivar, comprobada con ducumientos" trabalho êsse encomendado por Bolivar ao General de Brigada dos exércitos da Grã-Colombia, José Ignacio de Abreu y Lima, para servir ao célebre Abade de Pradt que na Europa defendia Bolivar contra as acusações de Benjamin Constant de Rebecque.

Esse ardente político francês, e que no Brasil e em Portugal grangeara também muitos admiradores era mui amigo da ilustre Mme. de Staël que, tal qual a também célebre Mme. Récamier, frequentavam os salões de Mme. Du Vil-

lars, a bela Fanny Dervieux, a primeira predecessora no coração de Bolívar da célebre Manoelita Sáenz, a arrebatada patriota "Libertadora do Libertador" na sua própria frase.

Relembremos ainda que essa obra foi prefaciada pelo nosso grande prosador e poeta José Maria Goulart de Andrade, que nós da Marinha sempre tivemos como um dos nossos, não tanto como Guarda-Marinha que foi, passagem fugaz, mas como amigo entusiasta de sempre, cantando-a na sua prosa, eterno enamorado dela Marinha que tem com êle dívida inda não paga, sejamos o primeiro a reconhecer.

Senhoras e Senhores! Tudo se prestaria à techedura de um trabalho bom, si tivéssemos capacidade sintética. O assunto é vasto e profundo, inda que empolgante: emancipação dos povos americanos. O elogiado é figura de pról nas letras, nas ciências, e nas guerras para a consecussão daquele ideal sublime, porque não o é só para nós americanos mas para todo o mundo: a independência dos povos!

Ontem, tal verdade poderia não ser sentida por todos, mas hoje ela é evidente aos mais desavisados. Hoje, é para o Novo Mundo que a humanidade aflita se volve almeiante por seguir-lhes as pégadas na larga senda dessa liberdade da qual Abreu e Lima, profundamente brasileiro foi estrenuo campeador. A liberdade é indispensável à dignidade humana e à ordem pública, à verdadeira ordem, crisól do progresso.

Por sua vida magnificamente riscada pela espada nos campos de batalha e rabiscada pela pena nas meditações dos gabinetes, a projeção de Abreu e Lima vara o Novo Mundo e vai a atingir o Velho.

Curioso — inda que natural — são em espanhol os primeiros escritos dêsse brasileiro!

a) *La Barca de San Pedro* — panfleto editado em Carthagená — 1830.

- b) *La Torre de Babel*, pampheto também editado em Carthagená (Colômbia) — 1830.
- c) *Carta al General José Antonio Páez*.
- d) *Limites entre Brasil y Colômbia* — Bogotá-1836.

Este trabalho acha-se manuscrito, conforme lemos na pequena mas valiosa monografia “Um Brasileiro na epopéia bolivariana”, de autoria do nosso distinto bolivarianista Ministro Argeu Guimarães, de quem recebemos de Roma, há já quase decênio, outro trabalho também mui importante sobre “Vida e Morte de Natividade Saldanha”, martir da sorte e da independência pátria.

As obras de Abreu e Lima são múltiplas e várias como vários e múltiplos foram os cenários da sua gloriosa e agitada vida, na qual o heroísmo está ao par da felicidade e do infortúnio!...

Nasce nobre, rico e feliz! Morre pobre, inda mais enobrecido por sua vida rica dos mais gloriosos tranSES! Vive velhice prematura na sua província natal — Pernambuco — pregando idéias elevadas, anseios de um espírito adiantado e liberal, um espírito bom.

A 8 de Março de 1869 morre aí onde nascera, morre respeitado por suas virtude cívicas e ilustração grande, variada, mas também rodeado de invejosos de suas glórias, de inimigos das suas idéias e ideais, inimigos que sua pena de pamphletário ardoroso em pról das causas dignas, maneja na velhice como noutros tempos e noutras refrégas brandira a espada redentora. Mas, tanto aqui como lá, sustentando sempre as mais alevantadas aspirações!

Antes e depois, a liberdade pátria e dos povos irmãos; e vencedora esta, pugnaz lança-se na defesa da dignidade e valor dos seus chefes: Bolívar, Páez e os Andradas.

Lá e cá, antes e depois, aquela inalterável lealdade para com seus chefes, comandados e amigos; aquela firmeza de ideais que manifestara sempre. Com a mesma bravura tanto expunha seu corpo nas batalhas arriscando a vida,

como seu espírito nas contendas intelectuais arriscando seu prestígio de homem de pensamento.

A princípio cursa com valor a Escola Militar e como Oficial é vítima do malôgro da independência nacional em 1817!

Mais tarde, volta ao seio de sua classe e depois dela afastado como General de Brigada, medita e escreve incessantemente.

Apesar de incorreto muitas vêzes na forma e mesmo em algumas palavras, empregando o espanhol, seu nome não só se firma entre nós, historiógrafo de primeiro plano, como fulge ainda na crítica literária do seu tempo. Não só aqui como nas demais nações americanas; não só entre os povos do Novo como do Velho Mundo!

O jornalismo brasileiro nêle teria, como o tivera já o de Colômbia, um de seus pioneiros, e primeiros nas pugnas políticas e científicas, bem como naquela critica literária.

A simples enumeração de trabalhos dos quais logramos conhecimento, trabalhos escritos já do seu regresso definitivo ao Brasil, êles dizem por si só da valia da sua cultura geral ao serviço daquele ideal a nortear-lhe perenemente a róta da sua existência, a felicidade humana, a liberdade da América, a gloria da sua Pátria e a honra e saber dos brasileiros, homens de guerra em qualquer meio!

OS ABREU E LIMA

Padre Roma — General das Massas

Aos 6 dias de Abril de 1796 nascia no município de Carmo de Goiana, em Pernambuco, o Compatriota nosso que, derramando seu sangue pela independência das antigas colônias espanholas, iria assim vincular à fulgurante epopéia bolivariana, est'outros filhos do Novo Mundo habitando a extensa região limitada pelo Atlântico e as vertentes nórticas e orientais que, com o pélogo oceânico, insulam a mór parte dêste vasto território, cujos lindes orientais os ousados e proficientes navegadores da Escola do Infante, em Lagos, descobriram e povoaram.

Apurada foi a educação recebida pelo futuro “Libertador de Venezuela y Nueva Granada” pois que filho do Dr. José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, com êle cultivara a literatura, praticara nas línguas latina e grega fóra algumas linguas vivas, tais como a francesa e inglesa, além da filosofia e retórica, assunto das cogitações paternas. “Seu Pai, que era bacharel em teologia, e cavalheiro professo na Ordem de Cristo, tinha o apelido de “Padre Roma” porque falava muito na Cidade Eterna”, como nô-lo afirma o erudito Padre Galante, na sua resenha biográfica.

Em Pernambuco estudou Abreu e Lima os preparatórios matriculando-se em 1811 no curso regimental de artilharia em Olinda, para no ano seguinte embarcar com destino à Academia Real Militar, recém creada no Rio de Janeiro.

Apesar de muito jovem, 15 primaveras distinguiu-se brilhantemente conquistando por isso prêmios em todos os anos do curso de matemática. Grande era a aureola de fama grangeada entre seus Mestres com respeito ao aproveitamento e distinção sua nessa Academia Militar.

Concluido o curso em 1816 foi-lhe de logo conferida a patente de oficial de artilharia e no posto de capitão. Contava apenas 20 anos! E, é designado então para lente do seu regimento. Mas mui breve, Dezembro dêsse mesmo ano, conseguia transferência para Pernambuco onde seu Pai, o Padre Roma, era um dos mais ardentes propugnadores da revolução independentisadora. “De grande inteligência bem cultivada, grande patriota, era homem capaz de arriscar-se às mais perigosas empresas” na palavra fluente do nosso abalisado historiador das revoluções brasileiras: Gonzaga Duque.

1817

O sol da liberdade nimbara-se para o continente sul-colombiano.

Logo em Fevereiro, após a chegada à Baía do Conde dos Arcos, era recolhido à fortaleza de S. Pedro, o Capitão Abreu e Lima. É que em Dezembro, quando a Pernambuco

aportára vindo do sul, o nosso joven official que “era dotado de um caráter altivo, enérgico e independente”, não sabemos por que motivo foi pronunciado logo depois de sua chegada por crime de “assuada, resistência e ferimentos”.

O Dr. Francisco Muniz Tavares, em sua preciosa “História da Revolução de Pernambuco em 1817” escreve: “o célebre General das Massas — José Ignacio de Abreu e Lima (1794-1869) vulto interessante da história brasileira pela sua agitada vida de militar e de publicista, da qual foram episódios mais notáveis a participação na guerra da Independência na América Espanhola sob o comando de Bolivar e a polêmica famosa sobre as Bíblias falsificadas, era de temperamento brigão que foi um de seus característicos”. Esse julgar de Muniz Tavares, que assim explica aquela prisão era o que muitos diriam querendo tapar o sol com a peneira. Preferimos a asserção do também Padre Joaquim Dias Martins em “Os Mártires Pernambucanos, vítimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817”!, parecendo-nos mais provável tal prisão por se achar “associado aos infelizes trabalhos patrióticos de seu ilustre pai”.

Evento bastante conhecido, não se faz mister recordar detalhes; mas como também é uma amostra do historiador, do vol. I de sua *História do Brasil* transcreveremos o trecho que logo adiante se terá da pena de nosso Patrono.

Na véspera do assassinio do inolvidável patriota em nome do poder constituído de então, conseguiu êle que Abreu e Lima viesse da fortaleza à cadeia para se despedir, no que consentiram as autoridades portuguezas, ao passo que século depois, análoga permissão não se daria à um militar compatriço, para ver seu pai que morria em casa, e não era um condenado!

Naquela sua história do Brasil, o já então veterano da “Emancipação dos Povos Americanos”, escreve: “Meu pai foi preso ao anoitecer de 26 de Março; no dia seguinte fizeram-se tôdas as perguntas do costume, confrontação das testemunhas, e nomeou-se a Comissão Militar que o devia julgar; no dia 28 foi condenado à morte e passou para o oratório as três horas da tarde; foi fuzilado as oito da ma-

nhã do dia 29. No momento em que escrevo estas linhas, assalta-me todo o horror daquela tremenda noite, em que fui quasi companheiro da vítima; era eu que parecia o condenado, não ela. Tenho visto morrer milhares de homens nos campos de batalha, e muito nos suplicios mas nunca presenciei tanta coragem, tanta abnegação da vida, tanta confiança nos futuros destinos da sua pátria, tanta resignação enfim; era meu pai que me animava, porque eu parecia inconsolável; uma mão de ferro me arancava o coração, meu pranto e minha dôr comoviam a todos os que se achavam presentes; era mistér separar-me então para dar alívio as minhas lágrimas, e me conduziam à outra prisão, donde voltava depois a poder de minhas súplicas até que foi forçoso arrancarem-me de seus braços para sempre!...”

Foi então, nêsse épico transe, que o espírito de Batalhador da Liberdade Pátria, elevou-se mais e fustigado pela imensa dôr que sofria, por si e pela Pátria, qual Bolivar no monte Aventino, aquele mais cheio de esperanças do que de amargores, êste em situação oposta, mas ambos patriotas e enérgicos, José Ignacio de Abreu e Lima, que para maior ostentação da tirania, fôra obrigado a assistir à execução do seu Pai, jura por suas venerandas cinzas, que daí por diante, tudo arriscará, até a própria vida, pela liberdade de seu País ou de qualquer outro onde a sorte o conduzisse!!

E o Brasil tem pintores notáveis e não menos notáveis compositores! mas nada inda inspirou êste lance patético!?

No entanto, se no domínio artístico isso inda de nada serviu, no domínio político, traçara-se a senda que uniria mais intimamente as duas Américas cativas, que evitaria a invasão de Mato-Grosso com o auxílio das tropas colombianas!

HOMEM DE PENSAMENTO

Volvamos o olhar para o cenário em que iria fulgurar o nosso grande Compatriota.

Puerto Cabello, La Puerta, La Victoria e Carabôbo, vitória uma, derrotas outras e o malsinado ano de 1814 ter-

minara com vantagem para o cruel José Tomás Boves, que tal qual Francisco Tomás Morales era um asturiano degolador e saqueador.

Mais outras derrotas dos americanos e toda a Nova Granada ficava em mãos do General espanhol D. Pablo Morillo. Sòmente em Santa Fé, 600 americanos, entre os quais homens do mais alto valor são executados. Enquanto isso Bolivar em Jamaica não desanimava e num de seus melhores escritos explica a razão dos desastres sofridos e os motivos por que confia no sucesso final da causa que sustenta.

Sua pena não se fatiga para explicar ao Mundo a significação da Revolução Sul Americana, e, as célebres “Cartas de Jamaica” são escritas, enquanto êle trabalha ativamente nessa ilha e noutras vizinhas para organizar nova expedição. Há o malôgro de 1815. Corresponde ao malôgro nosso de 1817, mas êste para Bolivar seria ao contrário o ano promissor.

A 1.º de Janeiro de 1817 Bolivar põe o pé no Continente para não mais o deixar. Realizava-se a comprovação daquela verdade enunciada por Montesquieu, e inda agora confirmada, por sua própria Pátria: “É mais difficil tirar um povo da servidão que subjugar um livre”. Os Americanos nasceram ao sol da liberdade, ao sol de um novo mundo!

Mas depois de umas poucas vitórias os reveses avolumam-se. “A sorte volta-se para o lado dos espanhóis, de novo Bolivar vê diminuir o número de seus soldados, mal armados e mal vestidos. O General espanhol termina a reconquista de Nova Granada, que lhe proporciona soldados em abundância, além dos reforços de Cuba e Porto Rico” — como bem assinala Marius André.

Tal era em largas pinceladas a situação dos libertadores quando à êles se juntou o nosso Compatriota, soldado de um ideal! De um ideal sagrado para os homens dignos: a liberdade das nações! Dêsse ideal trilhado pelo Brasil sendo o que mais nos faz orgulhar de tê-lo por Pátria! não nos cansamos de repetir!

Acompanhemos inda que fugazmente a ação do herói brasileiro, e façamo-lo por sua própria pena, pena erudita, pena de historiador.

Da erudição de Abreu e Lima dizem bastante aqueles trabalhos em língua espanhola já referidos e também outros mais tarde impressos no Rio de Janeiro e em Pernambuco, os dois Estados em que mais tempo viveu desde o seu regresso da Colombia, e após uma estadia nos Estados Unidos.

Dêstes outros referiremos:

f) *A Cartilha do Povo* — tip. da Viúva Roma e Filhos — Pernambuco 1849.

Era um dos resultados orgânicos da revolução de 1817. A imprensa cêdo surgiu em Pernambuco, por um jornal veículo de idéias qual aquêle que o hoje esquecido inglês Koster fundára em Recife. Inda não verificamos, mas parece-nos que essa viuva Roma era uma nóra do nosso Abreu e Lima porquanto seu filho apuzéra Roma ao nome de família.

g) *O Socialismo*.— Typografia Universal — Recife 1852.

Não conhecemos nenhuma monografia especial no assunto anterior à esta que foi traduzida e também publicada em francês.

Ainda, de fundo mais de erudição científica que histórica, são os trabalhos de Abreu e Lima, referentes às suas prolongadas contendas políticas e literárias com os Cônegos Joaquim Pinto de Campos e Januário da Cunha Barbosa fundador êste desta augusta Instituição que patrioticamente nos acolhe. Tais contendas ficaram célebres em seu tempo, agitando a imprensa do País, na qual Abreu e Lima foi um dos próceres no Brasil e em especial na do Rio de Janeiro e Pernambuco. Atuou principalmente no célebre *Raio de Jupiter*.

h) "*As Biblias Falsificadas*" ou duas respostas ao sr. Cônego Joaquim Pinto de Campos pelo Christão Velho — Recife 1867.

i) "*O Deus dos Judeus e o Deus dos cristãos*" 3.^a resposta ao Cônego Joaquim Pinto de Campos — Pernambuco 1867.

Êstes dois trabalhos foram editados na mesma tipografia de Recife, tipografia Comercial, ambas em 1867. São portanto edições póstumas. Acreditamos porém na existência de outras anteriores.

Cumpre recordar, que Abreu e Lima, como os Andradas, àquele Antonio Carlos seu companheiro na revolução independentisadora de 1817, e os Ledos, patriarcas da nossa independência, eram membros da Maçonaria, que inegavelmente foi um grande e poderoso órgão coordenador de esforços nas lutas pela emancipação das Américas.

Ê com prazer que recordamos como entusiasta dos ideais pan-americanos de Bolivar exaltado nos Estados Unidos, de Alexandre de Gusmão que revivemos entre nós, desde a nossa primeira conferência no Clube Naval em 1931, e de Abreu e Lima que recordamos ao celebrarmos em 1930 o centenário bolivariano; é sim, com prazer que assinalaremos sêr a primeira obra saída dessa mão — de Abreu e Lima — inda empunhando então a espada nos campos de batalha pela independência e unidade americanas, tal obra sêr em defesa de uma causa santa e do seu grande herói. Referimo-nos à:

j) *Vida del general Simón Bolivar, libertador de Colombia y del Perú* — Cartagena de Colombia — 1827.

Nela aparece Abreu e Lima como historiador, a respirar: “Eu fui escolhido para redigir êsse trabalho e aceitei praseirosamente a incumbência, não só por ser acorde com as minhas idéias, como pela honra de tornar-me órgão dum preito de tributo à opinião pública e de gratidão ao ilustre defensor do General Bolivar, o abade de Pradt. Tive a fortuna de conhecê-lo e recebi do próprio Libertador os mais vivos agradecimentos pela minha dedicação e pela franquesa do meu estilo; recompensa que ultrapassou as minhas esperanças e sobradamente pagou a minha modesta tarefa. Oxalá correspondam aos anhelos veementes que animam o meu coração em pról do triunfo do único caudilho que até agora se assinalou na América do Sul como legítimo Libertador de sua Pátria”.

E, eram de um moço de trinta anos essas palavras. É mistér reconhecer sua ponderação como historiador, para bem julgar da veemência com que agiu na velhice e dessarte poder bem interpretá-la.

Em 1835 surgira Abreu e Lima com seu primeiro livro em português. Nessa obra, uma das primeiras a ser editada entre nós a 6.^a acorde Dr. Moreira de Azevedo — Apontamentos Históricos — Rio de Janeiro — em 1869, nela se lê na folha de rosto:

k) *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil.* — Cidade de Nitheroy — 1835.

É um bom trabalho, escrito em estilo fluente e está cheio de eventos hoje esquecidos. Dêle já alguns anos divulgamos aquela notícia sôbre o projeto do deputado republicano Antônio Ferreira França sôbre a instituição da República. Julgado constitucional, porque ao parlamento cabia reformar a constituição, êsse projeto que caiu apenas por uma maioria de oito votos, êsse projeto de 16 de Maio de 1835 dizia simplesmente em seu primeiro artigo: “O Govêrno do Brasil cessará de ser patrimônio de uma família”.

E, Abreu e Lima era partidário da “ditadura republicana” instituída por Bolívar, tal qual o somos. Mas, êle e nós registamos os fatos importantes da história, independente das nossas simpatias. Aliás nêsse evento, admiramos e louvamos o valor moral de tôda a casa que opinou por ser êle objeto de deliberação do Congresso, inda que a maioria rejeitasse tal projeto.

Nêsse mesmo ano, mas na tipografia Fluminense, Rio de Janeiro, imprime-se ainda:

l) *Manifesto da muito Augusta e Respeitavel Loja Constituição do Rito Escossês, Antigo e acceto para o Império do Brasil.*

Em 1838 publicava Abreu e Lima no “Correio Oficial da Côrte”, e na “Revista Médica Fluminense”, um trabalho intitulado:

m) *Memória sôbre a elefancia e também nas mesmas condições.*

n) *Memória sôbre a planta conhecida na república da Colombia pelo nome genérico de — Guaco — própria das regiões equinociais e sôbre as suas principais virtudes: oferecida e dedicada à Sociedade de Medicina de Bogotá, 1826.*

A “Revista Médica Fluminense” observa: “O seu autor posto que não seja homem da arte, é pessoa todavia, que pelas vastidões de seus conhecimentos, acha-se bem nas circunstâncias de fazer um tal trabalho, que sempre será considerado como um dos melhores até hoje publicados à este respeito pelo que a humanidade lhe deve ser sempre muito grata”.

Já existiam alguns poucos livros de história do Brasil. Todavia inda não um compendio didático. E, em 1843, Abreu e Lima, já então sócio honorário desta benemérita e já agora centenária Instituição, publica nessa casa magnífica que foi a de Eduardo e Henrique Laemmert, edita, sim com retratos e em dois volumes o seu.

o) *Compendio da História do Brasil, — Rio de Janeiro 1843.*

Há desta obra uma edição resumida em um só volume, e continuada por outrem até 1880, isto é, até onze anos após a morte de Abreu e Lima.

Os estudiosos da história de nossa história conhecem a grande polêmica travada em torno dêsse livro após o aparecimento do de Varnhagen, a nosso ver superior, o que era natural pois tratava-se de um desenvolvimento e aperfeiçoamento. Inda assim em nada fica desmerecida a obra do Precursor. Houve no entanto grande celeuma que os preciosísimos anais deste Instituto que acolhe o nosso, tem bem fiada. Disso surge, entre outras manifestações, uma nova obra do nosso Patrono.

p) *Resposta ao Cônego Januário da Cunha Barboza ou Anályse do primeiro juizo de Francisco Adolpho Varnhagen ácerca do Compêndio da História do Brasil. Tipografia M. F. de Faria — Pernambuco — 1844.*

Nessa mesma tipografia e nêsse mesmo ano appareceria:

q) *A Cartilha do Povo* — Ainda aí, mas no ano seguinte, viria à luz o livro de história do nosso Patrono que julgamos o mais precioso:

r) *Synopsis ou dedução cronológica dos fatos mais notáveis da História do Brasil*.

Seu próprio autor assinala: “Esta obra de um gênero novo na nossa literatura, porque nada possuímos que se lhe assemelhe, quer na forma, quer na matéria, é de tal natureza que não pode ser bem apreciada senão por quem souber, que, com um assíduo e contínuo trabalho, foram consumidos cinco anos de dia a dia na sua compilação. Contando mais de seis mil datas, quasi todas foram retificadas com um trabalho insano, e podemos assegurar que o erro se o houver, não estará da nossa parte porque tivemos o maior esmero e cuidado nas provas de impressão.

Não nos furtaremos ao prazer de assinalar o interesse causado em nossos meios intelectuais pelo aparecimento daquela História do Brasil então pela primeira vez compendiada. Aberta a lista dos subscritores nela avultam quasi meia centena de sacerdotes, alguns bispos, inúmeros militares de terra e mar, grandes figuras do mundo oficial e intellectual do Império.

Deparamos assim com os Marquesses de Maricá e Bae-pendy, o então Visconde de Olinda, o nosso grande historiografo Visconde de S. Leopoldo. E não era só a nobresa nacional. Ao par do Visconde da Praia Grande o Visconde de Vallat, do Barão de Monte Alegre o Barão de Planitz. Também a nobresa da intelligência, blasonada ou não dos Lima e Silva, Francisco e José Joaquim, dos Silva Paranhos e dos Silva Lisbôa, dos Oliveira Bello e Almeida Rosa, dos Menezes Drummond e Mendes de Almeida, dos Faria Lemos e dos Araujo Lima, dos Silveira da Motta e dos Marques de Souza, dos Montenegro e dos Wanderley, dos Araujo Lima e Moraes Rego, dos Ancora e dos Rebouças, dos Gonçalves de Magalhães e dos Torres Homem, dos Gama Lobo e dos Mello e Alvim, dos Bacellar e tantos outros. É-nos positivamente grato lembrar êsse interesse de nossos antepassados pela cultura do espirito e pelo ardor cívico em nossa Pátria.

Compatriotas! O devotamento à Pátria e à liberdade nos campos de batalha da América patenteados pelo brasileiro Abreu e Lima não ultrapassa essas mesmas qualidades manifestadas na sua velhice quando trocou a espada pela pena!

Surge gora o seu trabalho histórico mais fraco, inda que utilíssimo.

s) *História Universal desde os tempos mais remotos até aos nossos dias relatando os acontecimentos mais notáveis de todas as epochas e os feitos dos homens mais célebres de todos os povos* — Rio de Janeiro 1847. (5 volumes).

Esta obra editada de 1846 a 47 pela Casa Laemmert é um dos melhores trabalhos tipográficos do seu tempo, ornada com 24 estampas a buril.

Composta sob o plano de Gabriel Gottofredo Bredow e editada em cinco volumes, esta obra não trás seu nome dizendo apenas que foi “enriquecida com notas por um Brasileiro”. Todavia é geralmente atribuída a sua autoria a Abreu e Lima.

Pelo prefácio e notas, não trastejamos em sustentar essa autoria sua, aliás já indicada por Vaperau no seu “Dicionário dos Contemporâneos”. Eis alguns trechos do “Prefácio desse Brasileiro”, que enriqueceu tal obra com preciosíssimas “Notas”. Por ela reconhecer-se-á o valor até de originalidade: “Todavia, imperfeito pareceu-me o resumo de Bredow, que nenhuma ordem guarda na série dos fatos. . . . Tomei portanto o acôrdo de seguir tão sòmente o plano de Bredow, ampliando quanto me fosse possível a série dos acontecimentos, ligando-os pela cronôlogia, e preenchendo dêste modo as faltas que se encontram à cada passo nas diferentes épocas do seu resumo.”

Aliás, então assinalou-se que se “Nesta obra o plano de outro autor, o do célebre historiador Bredow, foi inteiramente seguido, todo o mais trabalho e mais custoso é inteiramente novo, e a apesar de árduo, bem acabado. Possuidor dos dotes de verdadeiro historiador que sobejamente possui, extratou dos melhores escritores o bom; verificou o duvidoso; emendou o errado, e acrescentou muita informa-

ção principalmente sôbre a América que êle próprio em suas viagens colheu e guardou com apurada crítica”.

Abreu e Lima deixou preparada a segunda edição do “Socialismo” que não sabemos por onde anda. Escreveu ainda uma obra sob o título:

t) *A Mulher Católica Brasileira.*

e ainda outra sôbre

u) *Direito Criminal*

esta, ao que fomos informados, com um parecer do Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitoza.

Fica aqui o nosso mais veemente apêlo em prôl de indicações mais amplas no assunto, que devem ser patriôticamente endereçadas à êste Instituto. E, seja-nos inda permitido estender e particularizar tal apêlo, ao ilustrado Tenente Humberto Peregrino — que nos honrará com a apreciação dêste “Elogio” — almejando seja êle um dêsses exploradores, acrescentamos agora, ao lêr estas linhas perante tão colendo auditório!

PERORAÇÃO FINAL

Terminaremos ilustres Chefes e Compatriços, terminaremos fazendo votos para que êste Instituto possa cooperar eficazmente em prôl duma *unidade de preparação* de nossas fôrças armadas, harmoniosamente ligadas por uma vera doutrina comum!

Lembremo-nos sempre que a base de tôda a Defesa Nacional é a unidade de direção política, e esta temô-la. É pois perfeitamente realizável essa *unidade de preparação*. O que lograrmos fazer nêste Instituto, de homens da guerra no ar, no mar e na terra é da mais alta valia.

O primeiro estádio dêsse esforço reside na prática de uma cooperação maior, uma cooperação intelectual mais íntima, entre os vários elementos idealisadores da guerra cujo principal teatro de operações é terrestre; entre aqueles outros que analogamente se constituem para a guerra oceânica: marítima e aérea, e finalmente numa cooperação geral

dos representantes máximos de cada um desses grupos orientadores das guerras marítima e terrestre com a aérea.

Quaesquer que sejam as operações, nelas haverá sempre, nelas deverá sempre existir a interpenetração dos vários elementos da guerra, sendo o elemento aéreo (somos submarinistas) uma constante, inda que caracterizada por sua extrema mobilidade.

Dessarte, se nas próprias operações não devamos pretender o isolamento de um só fator de combate, aéreo, marítimo ou terrestre, muito menos ainda será possível uma condução da guerra à vitória, sem que tal guerra seja concebida como uma só entidade, omnimoda. Mas, tal seja a situação geopolítica a guerra será fundamentalmente marítima, terrestre ou aérea.

Oxalá possa êste Instituto cooperar eficazmente em prol de uma indispensável visão harmoniosa de conjunto do problêma político-econômico nacional, donde a determinação exata, precisa, do problêma da guerra. Dessarte reuniremos as capacidades dos mais diligentes empregando-as conseguintemente na junção dos materiais diversos e que possam escapar às vistas dos que se têm de especializar mais no emprêgo das armas nos combates, e dêstes nas guerras, do que no estudo destas como elemento da evolução politico-social.

Essa é a finalidade dêste Instituto constituído apenas de homens que se dedicam ou se dedicaram ao estudo e prática da guerra.

É portanto a guerra a meta final de nossas cogitações técnicas, guerra visando objetivo perfeitamente precisado, guerra ofensiva por exelência, inda que instrumento da menos agressiva de tôdas as políticas, de nossa política de defesa nacional e continental, elemento de ordem internacional, donde elemento de progresso humano.

Essa tem sido sempre a nossa política, e dela nos orgulhamos quando verificamos em nosso peito que as medalhas militares que nêle ostentamos foram conquistadas em guerra que tal, guerra que nos foi imposta pela agressividade germânica torpedeando nossas naves de comércio em 1915 e 16.

Inda uma vês mais, e para silenciarmos, insistimos lembrando que buscamos fazer o elogio do galhardo brasileiro Abreu e Lima, testigo da bravura profissional guerreira dos brasileiros, testemunho flagrante do pendor marinho de nossa gente, máxime do Norte, viveiro maior de nossa marinhagem. Não empreendemos estudo crítico de sua heróica vida e erudita pena.

Grande e grandiosa foi a vida por Abreu e Lima vivida durante 73 anos dos quais mais de um meio século como homem de guerra e de letras, soldado da liberdade em o Novo Mundo, mártir na sua Pátria, o nosso Brasil, herói em as nações constituídas por *El Libertador*, de quem êle Abreu e Lima foi sempre amigo dedicado.

Tal é o aspêto principal dêsse tão ilustrado Compatricio, nosso Patrôno. Tôdas as notícias biográficas feitas sôbre sua vida, são de méras indicações, não só a de inúmeros autores nacionais como estrangeiros. Assinalam sua estada nos exércitos de *El Libertador* e sua agitação jornalística e pamphletária, como também a autoria de uma "história do Brasil" e memórias científicas.

A nosso ver tais indicações, inda que valiosas, têm o grave inconveniente de sêr não só incompletas, o que é natural dada o caráter delas, mas deficientes num aspêto capital. Elas não transparecem o modo pelo qual foram executados todos êsses serviços.

Salientaremos assim e em final que Abreu e Lima combateu nos exércitos de *El Libertador* da América espanhola como soldado de um ideal desenvolvido em sua mocidade no Brasil, pugnando por sua consecução acôrde ao juramento que fizera junto ao cadáver de seu Pai, mártir da liberdade na América portuguesa, e de cujo martírio fôra também partícipe êle próprio Abreu e Lima.

Do pôsto de capitão do exército, pôsto que alcançara cursando a Escola Militar do Rio de Janeiro em curso dos mais brilhantes, pôsto no qual ingressara nos exércitos da Grã-Colômbia, dêle ascenderia sucessivamente por bravura até o de General de Brigada. E o generalato foi-lhe confe-

rido em “gráu heróico e eminente” assinalando-se também a sua competência e lealdade.

Após mais de treze anos de serviços, na convulsionada fase da independência, pode merecer de seus Chefes o reconhecimento dessa qualidade, inda que essencial ela seja à dignidade militar, “mas difficilima de conceituar-se num longo e agitado período como êsse”. Tal consideração, a de sua perene lealdade expressa por um General Mariano Montilla, em documento oficial concedido ao despedir-se Abreu e Lima dos exércitos da Grã-Colombia, isso é positivamente documento honrosíssimo para êle e a se refletir em sua Pátria o nosso Brasil...

Sim! bateu-se no mar e em terra, do Atlântico ao Pacífico, por um ideal nobilíssimo. Tanto assim, que abriu mão de tôdas as vantagens pecuniárias que lhe foram concedidas em pról da Pátria que fizera sua, a jovem república da Grã-Colombia! Não foi um soldado, como tantos houve, inda que valorosos!

Não. Nêsse aspeto recordemos que até mesmo aquela célebre “Esmeralda de Muzio” que lhe ofertara o General Santander pelo heroísmo demonstrado à frente do Esquadraão de “Guias de Mojica”, êle Abreu e Lima não guardaria para si. Permita-se-nos à propósito indagar onde se acha tal pedra? Onde aquele “Busto em ouro” do Libertador, por êste oferecido a Abreu e Lima como um testemunho assás honroso do seu proceder, e por êste dado às Irmãs de Bolívar?

Não! Abreu e Lima foi um “Libertador de Povos” como bem o consagrou a Venezuela por aquela preciosa “Placa” da Ordem dos Libertadores, única venera que êle usou entre nós, nos grandes dias nacionais brasileiros!

Seu impulso moral e sua capacidade intelectual tantas vêzes patenteados tiveram consagração máxima em dois eventos por isso culminantes ao nosso ver: Quando Bolívar é atacado na Europa, por um dos mais conceituados publicistas do seu tempo, é o brasileiro Abreu e Lima o escolhido para devassar-lhe o arquivo em busca dos elementos que julgasse necessários à defesa de *El Libertador*, naquilo

que essa "Gloria da América" tinha de mais caro: sua reputação. E quando Simon de la Trinidad Bolivar, Pai de cinco Nações, marcha para o exílio, tão tristemente comum aos grandes homens de tôdas as Pátrias e de tôdas as épocas, é o bizarro General de Lima o Chefe escolhido para ir adiante a conter as facções para a passagem do *El Libertador*!

O nosso Compatricio cujo elogio ora tão palidamente fazemos — Sr. Embaixador da Colombia! — é um daqueles 150 centáuros do exército do Apure, ao mando supremo do imperterrito General Paez que, na história militar se honra com essa incrível ação que se chamou *Las Queceras del Medio*, varrendo a todo o exército de Morillo forte de alguns milhares! É assim um dos Libertadores da Nova Granada! Srs. Embaixadores de Venezuela e da Bolivia! Esse brasileiro, José Ignacio de Abreu e Lima serviu com Bolivar, com Santander, com Soublete, com Urdaneta, com Montilla, com Sucre, o grande marechal de Ayacucho. Ele tinha garbo das suas cruces de Boyacá e Puerto Cabello e do nobre escudo de Carabôbo, memorável prélio no qual o Leão de Apure ao mando da 1.^a Divisão, o General José Antonio Paez, entusiasmado com a bravura do Tenente Coronel, ajudante do seu Estado Maior o nosso compatricio, depois ferido, dá-lhe seu relógio como uma condecoração que êle Abreu e Lima, 47 anos depois, inda venerava! Também grangeara a Placa dos Libertadores de Venezuela, de onde zarpou marinheiro improvisado, comandando a esquadra bolivariana.

Alheando-nos da interpretação histórica daquele pedido de auxílio feito pela República do Perú — Sr. Embaixador — por isso que não conhecemos suficientemente o controverso evento, recordaremos por amor à essa República tão nossa amiga que foi ainda êsse brasileiro Abreu e Lima quem saiu à frente da célebre "Divisão Auxiliar" cujo mando deixaria ao verificar tratar-se mais realmente de uma questão interna da jovem República.

Senhoras e Senhores!

Abreu e Lima como é entre nós conhecido, José de Lima como o é nas Repúblicas vizinhas, mas de qualquer forma José Ignacio de Abreu e Lima, General em gráu heróico e

eminente dos exércitos da Grã-Colômbia e Brigadeiro do nosso exército imperial, que o recebeu no mesmo pòsto alcançado nos exércitos republicanos de Bolívar, Abreu e Lima, no Brasil excelso no patriotismo e sublimado no martírio, douto na polêmica, tal Compatriócio ilustre, e também da América figura de pról nas artes, letras e ciências, seria ainda do Mundo cidadão invicto na luta pelas liberdades cívicas e pela cooperação universal em busca de uma melhoria das condições da Humanidade!

Foi um sêr eminentemente convergente, à despeito do atributo *brigão* que alguns lhe deram, antes por fazer-se intemerato defensor daquilo que julgava justo, e digno.

Abreu e Lima! Nós brasileiros cõscios das virtudes nacionais e de nossos defeitos, seguros do valor desta nacionalidade que terá em ti um de seus numes tutelares, nós te saudamos como mártir da independência nacional, como digno de ser filho de um "Padre Roma", como amigo leal de Bolívar e mais de que tudo, como Libertador da América!!...